

ARTHUR SCHOPENHAUER E O MEDO DA MORTE

ARTHUR SCHOPENHAUER AND THE FEAR OF DEATH

Milene Dayana Paes Lobato¹

Resumo: Tudo o que se conhece no mundo fenomênico são formas de objetivação da Vontade. A Vontade é tratada por Schopenhauer como cega, arbitrária, tirânica e brutal, sendo responsável por todo o sofrimento da vida. Dentre os diversos medos e temores existenciais, a morte é o maior entre eles, a ideia de finitude é o que mais aterroriza o ser humano. Sabendo disso, Arthur Schopenhauer desenvolveu um pensamento filosófico acerca da morte que fornece uma resposta possível para a referida aflição comum à humanidade. Morte e vida seriam partições do mesmo ciclo no qual existem dois extremos de não-ser: o antes da vida e o pós-morte. Se a vida e a morte formam uma unidade, o que faz o indivíduo temer a morte, porém, não a vida (na mesma intensidade)? O pensamento schopenhaueriano mostra que ela deveria ser temida da mesma forma, visto que pode ser ainda pior. A morte para o sujeito é apenas um cessar da consciência, que é somente resultado da vida orgânica e não a causa dela. A falta de consciência da morte e a mera consciência do presente (*nunc stans*) tem como consequências angústias e frustrações de não conseguir alcançar a eternidade. Sendo assim, o presente trabalho problematiza a “filosofia da morte” em Schopenhauer e a relação com a indestrutibilidade do nosso ser-em-si. Busca indicar possibilidades de amenização do medo da morte através de duas vias: a do autoconhecimento enquanto Vontade (metafísico/conhecimento) e a da busca de uma vida mais suportável e menos infeliz possível (eudemonológica). Assim, percebendo-se enquanto constituinte de um ser-em-si que é impossível de ser aniquilado com a morte, ou aceitando a impossibilidade de uma vida ausente de dores, Schopenhauer mostra vias diretas para a possível superação e amenização do medo de morrer – e de diversos outros medos existenciais.

Palavras-chave: Angústia, Medo da morte, Objetividade da Vontade, Schopenhauer, Sofrimento

Abstract: *All that is known in the phenomenal world are forms of objectification of the Will. The Will is treated by Schopenhauer as blind, arbitrary, tyrannical, and brutal, being responsible for all the suffering of life. Among the various existential fears and consternations, death is the greatest among them, the idea of finitude is what terrifies the human being the most. Knowing this, Arthur Schopenhauer developed a philosophical thought about death that provides a possible answer to the aforementioned common affliction of humanity. Death and life would be partitions of the same cycle in which there are two extremes of non-being: before life and after death. If life and death form a unity, what makes the individual fear death, but not fear life (in the same intensity)? Schopenhauerian thought shows that life should be equally feared since it can be even worse. Death for the subject is only a cessation of consciousness, which is solely the result of organic life and not the cause of it. The lack of awareness of death and the mere awareness of the present (nunc stans) results in the*

¹ Licenciada em Filosofia pela UEPA, Mestre em Filosofia pela UFPA, Doutoranda em Filosofia na UFSC. E-mail: milenedayana222@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3579-4413>. O presente trabalho foi realizado com apoio da CAPES – Código de Financiamento 001.

anguish and frustration of not being able to reach eternity. Therefore, the present work problematizes the “philosophy of death” in Schopenhauer and the relationship with the indestructibility of our being-in-itself. It seeks to indicate possibilities for alleviating the fear of death through two ways: that of self-knowledge as Will (metaphysical/knowledge) and that of the search for a more bearable and less unhappy life as possible (eudemonological). Thus, perceiving himself as a constituent of a being-in-itself that is impossible to be annihilated with death, or accepting the impossibility of a life without pain, Schopenhauer shows direct ways for the possibility of overcoming and alleviating the fear of dying – and various other existential fears.

Keywords: *Anguish, Fear of death, Objectivity of the will, Schopenhauer, Suffering*

Considerações iniciais

Algo característico na escrita schopenhaueriana é a procura constante da compreensão mental e sensível do ser humano, para poder-se alcançar uma linguagem universal que possa explicar o mais íntimo do indivíduo. Os interesses do filósofo sempre giraram em torno dos sofrimentos humanos: como acontecem? Por que acontecem? É possível evitá-los? A obra de Schopenhauer visa compreendê-los de maneira filosófica, como um verdadeiro espírito inquieto com as dores do mundo.

Um dos desdobramentos do pensamento de Schopenhauer desenvolvido em *O mundo como vontade e representação* é a caracterização da vida como sofrimento, visto ser a Vontade essência íntima do mundo. A Vontade é cega, arbitrária, tirânica e brutal, representada como um véu de *Maya*² que cobre a visão do ser humano impedindo-o de ver a verdade do mundo e o destina a viver uma vida pautada em desejos contínuos, nunca saciáveis, que impossibilita a felicidade plena. Essa existência mesma seria como um pêndulo entre a dor e o tédio, marcada pelo sofrimento constante. Para o filósofo, apesar de o indivíduo ser o produto mais acabado da Vontade³, não passa de um animal um pouco mais complexo intelectualmente que os outros, mas que sofre tanto quanto pelo impulso cego e animalesco da Vontade. E justamente por conta de sua característica diferenciada (a razão), o ser humano experimenta reflexivamente os temores e angústias de estar vivo: dores, doenças, guerras, epidemias, mortes. A dor sempre será mais forte naquele indivíduo que é capaz de experimentá-la e senti-la conscientemente.

“A vida é um negócio que não cobre os custos do investimento” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 684). A sentença do tempo é a morte, e, como uma analogia em Schopenhauer, a vida seria uma doença que se curaria com a morte como o seu remédio. O autor aprofunda a compreensão e o fundamento dos sofrimentos existenciais através da máxima de entender a vida como um eterno sofrimento, mas que, apesar disso, relata a supervalorização que o ser humano dá à vida de dores em detrimento da morte. O indivíduo teme e foge da morte cegamente, buscando uma felicidade plena em um mundo que não a possibilita⁴, fundamentando-se em egoísmos, atos desesperados que ferem

² Maya é uma deusa hindu que representa a ilusão em todas as suas manifestações, considerada o princípio feminino no qual o mundo foi gerado. O véu de *Maya* em Schopenhauer significa um véu da ilusão que encoberto o que há de verdadeiro no mundo, no caso, a Vontade em si.

³ No que diz respeito aos graus de manifestação da Vontade, pois, para Schopenhauer, a Vontade se representa em diversos graus na natureza, do inorgânico ao orgânico, sendo maior manifestada no ser humano por conta da sua racionalidade e capacidade de reflexão.

⁴ A não ser com a ascese, negação da Vontade de vida, que não será tratada profundamente aqui, mas que diz respeito a atitude dos gênios e santos, que negam a própria Vontade do corpo ao ponto de negar a sua existência em si mesma, mortificando o corpo e alcançando o Nirvana. Porém, essa é uma exceção no mundo, uma minoria da humanidade é capaz de tal ato. Assim, a ascese é a exceção à regra que é o domínio da Vontade de vida.

a si e o outro. A Vontade de vida em sua natureza afirmativa é egoística, levando em consideração que, quando se esfacela nos indivíduos, ocasiona o engano da representação pautada em si mesmo – “O mundo é a minha representação” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 3), como diz a primeira frase de sua obra magna – isto é, cada um conhece o mundo a partir de sua própria representação, o que existe nele é apenas objeto de seu conhecimento. A Vontade é egoísmo em essência, assim, todos os seres são egoístas, priorizam a si mesmo em detrimento do outro⁵.

“A existência do mundo é um problema insolúvel” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 691), assim como as suas dores. É neste momento que Schopenhauer mostra a sua alternativa a fim de alcançar uma vida com menos medos e dores possíveis – já que uma vida sem dores e sem medos é impossível. A morte é o pior dos medos humanos, por ser o fim de tudo aquilo que ele acredita que lhe pertence. No entanto, o filósofo diz que a vida não é uma posse individual, a vida é a Vontade, que constitui tudo no mundo, portanto, um indivíduo é apenas parte do todo.

No mais, o que precisa ser apreendido para a compreensão desse texto é uma corrente de estudos schopenhauerianos que cresce significativamente, sobre a interpretação do pessimismo de Schopenhauer para além do quietivo da ascese (negação da Vontade de vida) presente em *O Mundo*. Ora, que o mundo é sofrimento e que nada pode ser feito para mudar isso fica claro em sua obra magna, porém, nos *Aforismos*, se faz presente uma outra face do pessimismo, que vai além de apenas conhecer o QUÊ do mundo mas o que pode ser feito para evitar as dores que são passíveis de serem evitadas, que não dependem apenas da sorte ou do acaso, mas que são conhecidas através da experiência de vida e que se mostram como sabedoria engajada, prática⁶.

Doravante, o presente artigo é uma representação de minha pesquisa, fundamentada a partir do problema nas possibilidades apresentadas por Schopenhauer em *O Mundo como Vontade e Representação* (1819) e *Aforismos para a sabedoria de vida* (1851) de amenizar o maior temor humano: a morte – e consequentemente, os temores existenciais. Neste artigo trataremos de imediato

⁵ Na ética schopenhaueriana isso é aprofundado. Em sua obra *Sobre o Fundamento da moral*, o filósofo difere dois tipos de egoísmos: (1) o egoísmo sensitivo, como a preocupação com o seu bem-estar e em se manter vivo e a salvo – seria como o que chamamos de amor-próprio – e o (2) interesse-próprio, que é o egoísmo guiado pela razão que torna o indivíduo capaz de perseguir seu objetivo de forma planejada através do uso da reflexão. Assim, compreendemos que os animais são egoístas, mas não são interesseiros. O ser humano é capaz de tudo para se manter vivo e livre das dores, capaz de arquitetar reflexivamente meios para alcançar isso. Isso só é possível porque, para Schopenhauer, a própria razão existe a serviço da Vontade.

⁶ O prof. Dr. Vilmar Debona possui uma pesquisa sólida sobre esse tema. Em sua tese de doutorado defendida na USP e publicada como livro, *A outra face do pessimismo* (2020), afirma que há uma face do pessimismo que não se limita ao quietismo, “que não é mórbida ou fúnebre, mas vívida”. Debona evidencia como há uma continuidade entre a filosofia que coloca a busca pela felicidade como um erro inato da vida humana e a que expõe uma “arte de ser feliz”. Existe um uso prático da razão, do caráter adquirido e uma compaixão ativa, que vai além do quietismo no pensamento metafísico de Schopenhauer. Assim, esse artigo está em concordância com essa ideia e de que o uso prático da sabedoria de vida pode auxiliar no processo de amenizar o medo da morte.

da relação vida e morte e dos temores manifestos como consequência de ser parte constitutiva da Vontade do mundo, sem nos aprofundarmos em questões introdutórias do pensamento de Schopenhauer (como a explicação do Mundo enquanto Vontade e enquanto representação).

1. Vida e morte

Para Schopenhauer, a morte é a base da filosofia. A partir dela é possível a fundamentação dos mais profundos questionamentos, a constituição das maiores teorias, filosofias, religiões. Vida e morte são comparadas ao dia e a noite: o sol que se põe não desaparece, apenas nasce em outro lugar quando a noite chega⁷; isto é, a vida não desaparece com a morte, e a morte não a aniquila.

O tempo é especial na visão da vida para os seres humanos. Os animais vivem exclusivamente no presente, já os humanos programam-se para um futuro incerto e se lamentam por um passado que jamais retornará, cuidando de um tempo que nem sequer podem viver. Isso se dá pelo fato de que os seres humanos são determinados por conceitos abstratos que independem do momento presente, o que lhes permite programar e pensar momentos futuros de sua vida; já o animal, é movido pela impressão atual do temor: “o animal sente e intui; o ser humano, além disso, PENSA e SABE. Ambos QUEREM” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 43).

A essência dos animais e dos seres humanos está mais intimamente na *Species* (Espécie)⁸, pois aqui está enraizada a objetivação imediata da Vontade de vida. É na espécie e não na individuação, que a Vontade de vida se manifesta de forma mais fervorosa. No indivíduo, pelo contrário, onde se encontra a consciência imediata, ele julga ser alguém diferente da espécie e por conta disso, teme a morte.

⁷ “A Terra passa do dia à noite; o indivíduo morre: mas o Sol brilha sem interrupção, eterno meio-dia” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 325).

⁸ O conceito de espécie em Schopenhauer provém da noção platônica de que o conteúdo essencial do mundo se manifestaria por Ideias, imutáveis, que são um ponto de contato entre a coisa-em-si e a aparência. A Vontade é una, mas se representa em cada ser individualmente, em graus diversos de manifestação, do menor no inorgânico, ao maior no mais orgânico. “À espécie pertencem as características gerais das individualidades ou singularidades; e as generalidades da natureza são expressas em diferentes reinos e patamares, do inorgânico ao humano consciente, do mineral e vegetal, entendidos como reinos destituídos de conhecimento, ao humano, provido de conhecimento abstrato” (Debona, 2019, p. 53). Para Schopenhauer, cabe à espécie a identificação de individualidade que são comuns entre os semelhantes. Há o caráter individual, pertencente a cada ser, e o caráter da espécie, que agrega os individuais do mesmo grupo. Quanto menor na escala orgânica natural, menos pode-se notar o caráter individual. O caráter de determinada espécie de inseto será o mesmo para todos, porém, quanto maior e racional a espécie, mais individualidades e especificidades poderão ser identificadas. Na espécie humana, por exemplo, as particularidades são imensuráveis, “ao contrário das espécies de animais irracionais, cada humano seria um fenômeno próprio e determinado da vontade, uma Ideia própria que exige consideração e estudos próprios” (Debona, 2019, p. 55). Portanto, ao se tratar de espécie ao longo do texto, sempre será levado em consideração essa interpretação de Schopenhauer.

Assim, Schopenhauer compreende a vida apenas como o presente, nunca o futuro e nem o passado, é o *nunc stans* (presente contínuo). O presente é a única forma de vida real e a única forma na qual a Vontade aparece. Portanto, existência e tempo independem um do outro. A Vontade de Vida situada fora do tempo e fora da representação é o que Schopenhauer chama de “existência continuada” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 327): a transitoriedade da vida, vista pelos seres humanos, está apenas na aparência, mas enquanto coisa em si, a vida independe do tempo. A existência deve ser entendida como um morrer constantemente, ou seja, a vida do corpo nada mais é do que uma morte ininterruptamente evitada; os seres lutam contra a morte a cada segundo, mas ela sempre vence – pois todos estão destinados a ela desde o nascimento⁹.

Essa natureza humana especificada aqui é destituída de qualquer conhecimento e tem como fundamento apenas o esforço e o querer – já entendido que o querer tem como base o sofrimento e esse é o único destino do indivíduo. O desejo, que é o âmago da vida humana, sempre traz consigo a dor de nunca conseguir saciá-lo completamente; e um desejo quando de fato é saciado, traz consigo um tédio existencial em não ter nenhum outro objetivo para sua vida. Isso se confirma pelo fato do corpo ser pura Vontade de vida e a mais alta objetivação da Vontade. Em conformidade com isso, o filósofo especifica as duas exigências do ser humano: (1) a conservação de si e da existência e (2) a propagação da espécie:

A vida da maioria das pessoas é tão somente uma luta constante por essa existência mesma, com a certeza de ao fim serem derrotadas. O que as faz, por tanto tempo, travar essa luta árdua não é nem tanto o amor à vida, mas sim o temor à morte, que, todavia, coloca-se inarredável no pano de fundo e cada instante ameaça entrar em cena (Schopenhauer, W I, 2015, p. 362).

Uma das mais comuns, porém, mais errôneas ações do ser humano é se preparar demais e depositar grandes expectativas na vida. Para Schopenhauer, o primeiro erro nisso está na esperança de que ele terá uma longa e boa vida, mesmo tendo noção de que nem todos conseguem alcançá-la. E mesmo que viva por muito tempo, nunca é o suficiente para executar todos os seus planos e objetivos. Além do mais, a vida é repleta de obstáculos, de dificuldades e de fracassos que nem sempre são levados em consideração na hora de formular seus planos.

Compreende-se a vida, portanto, como uma tentativa de fugir da realidade de cada pessoa: a de que carregam em si mesmas a fonte inesgotável de todo sofrimento. Porém, essa tentativa de fuga é tanto prejudicial quanto ilusória, levando-se em consideração que somente o sofrimento é de fato positivo, isto é, o sofrimento é a realidade, é real em si mesmo, a felicidade é negativa pois apenas nega o sofrimento e existe apenas neste breve momento de negação da dor. Schopenhauer ainda

⁹ “Toda Vida é sofrimento” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 360).

afirma que se alguém fosse completamente feliz e satisfeito, mergulharia em um profundo tédio por não ter mais motivos para agir: “Somente após perdermos é que nos tornamos sensíveis ao seu valor: pois a carência, a privação, o sofrimento são de fato o positivo e anunciam a si mesmos imediatamente” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 371).

Segundo a sua concepção, a vida possui instruções e intelecções a favor do humano, mas não esperanças. Tudo na vida está entregue ao destino, e o ser capaz de compreender e se contentar com isso substitui suas esperanças por aprendizados e sabedoria de vida: esse seria o verdadeiro prazer da vida. O indivíduo pode até continuar a seguir os seus desejos e aspirações, mas sempre com a convicção de esperar da vida instruções e aprendizados, e não felicidade.

A partir da exposta originalidade e incondicionalidade da vontade, pode-se explicar por que o ser humano acima de tudo ama uma existência plena de necessidade, flagelo, dor, medo, ou ainda pleno tédio, e que, considerada e avaliada objetivamente, teria antes de abominar, e também por que acima de tudo teme o fim dessa existência, o qual, todavia é a única coisa certa para ele (Schopenhauer, W II, 2015, p. 430-1).

Essa vida apegada à existência mesma se dá a partir da Vontade cega manifestada como impulso de vida, que deseja se objetivar em cada indivíduo com mais vitalidade possível. Todas as fatalidades e sofrimentos da vida acontecem inevitavelmente, assim, não se deve questionar de onde veio, o seu motivo ou se poderia ter sido evitada, pois além de fazer parte do próprio cotidiano, está entregue ao acaso.

2. O medo da morte e a sua refutação

O medo da morte e o pensamento sobre a finitude se encontram na gênese da metafísica e das religiões¹⁰. Ele é o pior de todos os males, independe do conhecimento e é a aniquilação no ponto de vista da natureza. O ser humano teme a morte não só de si, mas também daqueles com os quais tem alguma afinidade. Até mesmo de alguém desconhecido, a morte o afeta da mesma forma, porque reconhece uma ameaça à vida. O indivíduo se torna consciente da morte a partir da morte de outrem. Ao se deparar com a morte de alguém próximo, sente o pavor que ela causa.

No entanto, Schopenhauer diz que “se se batesse nos túmulos para perguntar aos mortos se estes querem ressuscitar; eles sacudiriam a cabeça negando” (Schopenhauer, W II, 2015, p. 558),

¹⁰ “[...] a mesma reflexão que produz o conhecimento da morte ajuda também nas concepções METAFÍSICAS consoladoras em face dela [...]. Principalmente para esse fim, estão orientadas todas as religiões e todos os sistemas filosóficos, que são, portanto, antes de tudo, o antídoto contra a certeza da morte, fornecido pela razão reflexionante a partir dos próprios meios” (Schopenhauer, W II, p. 555). A faculdade da razão trouxe consigo a certeza assustadora da morte, mas também, a capacidade de criar antídotos, como uma compensação.

alegando que a morte em si não é um mal para aqueles que já morreram. Pelo contrário, é um alívio, um acalento para a vida de dores que eles levaram enquanto estavam conscientes.

Schopenhauer inicia então, a partir dos seus questionamentos sobre a vida e a sua falta de valor, por que o humano teme tanto a morte se a vida não é de fato boa? O que faz a morte parecer tão assustadora? O animal vive sem temor da morte, justamente porque é sustentado pela ciência de que ele mesmo é a natureza e, portanto, há de perecer. O ser humano, ao contrário, carrega em si de forma abstrata a certeza da morte, teoricamente, pois apesar da verdade da natureza ser a unidade com o todo, “tão somente nós turvamos essa essência com miragens, a fim de reinterpretá-la e fazê-la caber mais convenientemente em nossa estreita visão” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 326)¹¹.

O filósofo levanta a hipótese de que os seres humanos temem a morte porque temem o não-ser. Ou seja, o indivíduo teme a morte pois acredita que ela findará tudo o que ele é, o tornando nada. Mas se for esse o motivo, deveriam temer o não-ser antes da vida, pois ele surge como um não-eu também, da mesma forma que é um não-eu após a morte. Isso significa que ele não *foi* sempre; antes de si, não existia, da mesma maneira que não existirá depois de si.

Se o que faz a morte nos parecer tão assustadora fosse a ideia do não-ser, então deveríamos experimentar o mesmo temor diante do tempo em que ainda não éramos. Pois é incontestável que o não-ser do depois da morte não pode ser diferente daquele anterior ao nascimento; ele não merece, portanto, ser mais lamentado (Schopenhauer, W II, 2015, p. 559).

O resultado disso é que não há fundamento algum em temer o não-ser após a morte e não temer o não-ser antes da vida, assim, o que torna a morte tão assustadora não pode ser o fim da vida, mas propriamente a destruição do organismo – do corpo. No entanto, o corpo não passa de matéria orgânica, como tudo na natureza, que faz parte da vida orgânica e que, conseqüentemente, retornará a ela. Para Schopenhauer, apenas as mentes limitadas temem a morte, pois acreditam que ela é o aniquilamento completo da vida. “Quem vê um sumo senhor em todos os seres vivos e que, ao morrerem eles, não morre, vê verdadeiramente. Quem, vendo o senhor presente em todos os lugares, não viola a si mesmo por sua própria culpa. Daí toma o caminho para o alto”¹².

Uma segunda hipótese levantada por Schopenhauer sobre o medo da morte não ter fundamento vem do fato de que os seres vivem pequenas mortes a todo o instante, até alcançar a

¹¹ “Os dogmas mudam e o nosso saber é enganoso; mas a natureza não erra: sua marcha é segura e certa. Cada ser está integralmente nela, e ela está integralmente em cada ser” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 325). A razão existe em favor da Vontade e ela mesma é utilizada e arquitetada para servir à Vontade. Saberes, dogmas, religiões, interpretações da vida e de seu significado são criadas justamente para evitar esse contato da vida do ser racional pelo pensamento sobre a morte, pois essa consciência é o que mantém e conserva cada (Vontade de) vida e o capacita a viver, ao menos em sua maior parte do tempo, como se a morte não existisse – ao menos quando tem a vida como foco.

¹² Citação de Schopenhauer extraída do Bhagavad-Gita, no livro *Sobre o Fundamento da moral* (2001, p. 223).

“morte final”. A vida é um empréstimo que se paga com a morte – a morte é a sentença do tempo. Para o filósofo, a vida é como uma “mercadoria ruim” (Brum, 1998, p. 40) que não vale os custos do investimento; é uma “dívida perpétua que só a morte paga inteiramente” (*Ibid.*). Todos os dias os seres eliminam um pouco de si, excreções, secreções, expelindo substâncias, pele morta, perdendo matéria constantemente. Ele não se lamenta dessas perdas, das formas que as abandonam, sem compreender que isso é sofrer pequenas mortes constantemente, até alcançar a morte final. Por que então o ser humano não a teme também? Portanto, Schopenhauer afirma que o medo da morte não pode ser fundamentado sobre a perda de matéria, pois o humano não se lamenta todos os dias de passar por essas “pequenas mortes”. Os indivíduos são corpos, matérias, que se dissipam todos os dias, o medo de perder a matéria, portanto, não pode fundamentar o medo de morrer.

Seguindo a linha de raciocínio levantada por Schopenhauer no capítulo 41 do tomo II de *O Mundo*, da mesma forma, o temor da morte não pode ter como fundamento o medo de perder a consciência¹³. O sono é como uma morte cotidiana, isto é, a perda de consciência, mas que é aceita sem questionar ou reclamar¹⁴. Nem a morte e nem o sono afetam a vida em si mesma, mas apenas a consciência que conhece, que está aprisionada ao espaço e ao tempo, ao *principium individuationis*¹⁵. O sono cessa a consciência do mesmo jeito que a morte. A única diferença é que existe a possibilidade de acordar em um deles. No entanto, existe casos em que o sono leva à morte de forma calma e tranquila. Não se sabe se a possibilidade de despertar ainda haverá até mesmo no sono. Ou seja, se há possibilidade de morrer dormindo, por que não se teme o sono de todas as noites?

Assim, Schopenhauer conclui que o medo da morte é enganoso, desprovido de conhecimento intuitivo e de fundamento, pois tudo o que faz o ser humano se questionar sobre o fundamento do medo da morte, logo é quebrado quando se faz uma intelecção mais profunda sobre as suas causas. A morte só interrompe a consciência individual, mas o sono também faz o mesmo. Vir a esse mundo é sempre acordar de uma morte passada, pois a Vontade que vive em si e deu a vida a outrem, viveu em alguém que morreu antes de si.

¹³ A consciência em Schopenhauer “sempre se mostrou [...] não como causa, mas como produto e resultado da vida orgânica, aumentando e diminuindo em consequência dela, a saber, nas diversas idades da vida, na saúde e na doença, no sono, desmaio, despertar etc., tendo portanto sempre aparecido como efeito, nunca como causa da vida orgânica, sempre mostrando-se como algo que surge e desaparece, e surge de novo, enquanto existirem condições para tal, mas não fora disso” (Schopenhauer, W II, 2015, p. 563-4).

¹⁴ “[...] então isto é a grande doutrina da imortalidade da natureza, que gostaria de nos ensinar que entre o sono e a morte não há nenhuma diferença radical, mas que a morte, tão pouco quanto o sono, coloca em perigo a existência” (Schopenhauer, W II, 2015, p. 571).

¹⁵ Princípio de individuação. É a individualidade egoística, a própria Vontade que se individualiza em cada ser humano e cria a sua representação, dentro dos critérios de espaço, tempo e causalidade. No entanto, a Vontade mesma está fora desses princípios.

Portanto, é possível compreender a partir desse pensamento, que o temor à morte não possui origem no amor ou apego à vida, como se costuma pensar. O ser humano acredita que teme a morte porque quer estar vivo, que não viveu suficiente ou que ainda não conseguiu conquistar tudo o que sonhava. Quando na verdade a Vontade nunca estará satisfeita e ao se objetivar em cada ser, sempre vai querer mais e viver mais do que o corpo humano é capaz. Assim, o indivíduo é induzido através do véu de *Maya* a acreditar que a morte o fará sofrer, sentir dor e por isso a teme. No entanto, Schopenhauer afirma que não é o apego à vida que o faz temer a morte, mas tão somente o apego à espécie, que é objetividade da vontade.

3. Duas vias para o enfrentamento do medo da morte: conhecimento e sabedoria de vida

Primeiramente, é preciso distinguir dois tipos de conhecimentos que Schopenhauer expõe em *O Mundo como Vontade e como Representação*: o conhecimento intuitivo e o abstrato. O intuitivo depende essencialmente do intelecto, é produto do entendimento unido ao espaço e tempo (formas puras do entendimento); já o abstrato provém da faculdade da razão que produz os conceitos (representações abstratas). Para Schopenhauer, os conceitos racionais precisam do conhecimento intuitivo como referências para não se transformarem em conceitos vazios de conteúdo. Assim, como o mais importante tipo de conhecimento, pois a própria razão depende dele, o conhecimento intuitivo é o que será tratado aqui como o necessário para a compreensão da indestrutibilidade do nosso ser em si que parte em direção a mitigação do medo de morrer.

Schopenhauer concorda em parte com Kant no que diz respeito a ideia que, através da razão, não se pode alcançar a essência do mundo, no entanto, o filósofo afirma que o ser humano é constituído de Vontade de maneira corpórea. Isso possibilita ao sujeito do conhecimento que, ao reconhecer o seu corpo, entenda que ele aparece de duas maneiras: como objeto de conhecimento submetido às leis do princípio de razão e, ao mesmo tempo, como indivíduo conhecido imediatamente enquanto Vontade: “a Vontade é o conhecimento *a priori* do corpo, e o corpo é o conhecimento *a posteriori* da vontade” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 117).

A partir daqui serão apresentadas as vias de enfrentamento do medo da morte: 1) conhecimento da essência e 2) sabedoria de vida. O conhecimento, primeira via de enfrentamento, é mais evidente nos seres mais vívidos, nos quais a Vontade se objetiva de maneira mais elevada. O ser humano, como o ser mais elevado de racionalidade e de matéria orgânica, capaz de refletir sobre suas ações, é o único ser capaz de realizar uma ação refletida e assim alcançar o entendimento da essência do mundo.

Aquele indivíduo que busca o conhecimento da essência do mundo compreende que a Vontade é puro desejo, sem limites e sem fim, um esforço constante em manifestar a sua essência na aparência. Ao entender que ela determina o que ele e todo o mundo significa, reconhece que ele próprio é espelho da Vontade. O conhecimento intuitivo ilumina a verdade e possibilita que o ser humano veja para além do véu de *Maya* o querer da Vontade que o impulsiona e o controla de forma opressiva, levando-o a um estado de constante frustração e sofrimento por nunca conseguir estar satisfeito¹⁶.

Do ponto de vista do conhecimento, Schopenhauer mostra que não há fundamento algum no medo da morte, pois através desse conhecimento refletido é possível entender que o ser vivente é pura Vontade de vida, que sempre quer mais e deseja mais do que pode alcançar através do corpo finito dos seres; assim, a destruição da matéria orgânica apavora a Vontade porque é isto que interessa a ela. A morte para o sujeito não é o fim da vida, mas apenas o cessar da consciência, o desaparecimento dela – como um desmaio, ou como cair no sono – na medida em que o cérebro para de exercer as suas atividades.

Pois no instante em que, libertos do querer, entregamo-nos ao puro conhecimento destituído de vontade, como que entramos num outro mundo, onde tudo o que excita a nossa vontade e nos abala veemente desaparece. Tal libertação pelo conhecimento sobreleva-nos de forma tão completa quanto o sono e o sonho: felicidade e infelicidade desaparecem: não somos mais indivíduo, este foi esquecido, mas puro sujeito do conhecimento: existimos tão somente como UM olho cósmico que olha a partir de todo ser que conhece, porém apenas no ser humano pode tornar-se inteiramente livre do serviço da vontade [...] (Schopenhauer, W I, 2015, p. 228).

Assim, o cessar da vida não significa a aniquilação do princípio da vida: esse é o conhecimento sobre a indestrutibilidade do nosso ser em si. O corpo, que é apenas matéria e não é responsável pelo surgimento da vida, finda a cada dia. Schopenhauer compreende que todos os dias que se seguem nunca são a mais para o corpo, mas sim a menos, no qual o indivíduo sempre está se aproximando gradativamente da morte. Para o filósofo, essa matéria, mesmo depois de findar, ainda se transforma em força motriz para a continuação da vida.

Essa matéria, que agora aí está como pó e cinza sob a luz solar, se dissolvida na água logo se torna sólida como cristal, brilha como metal, solta faíscas elétricas, exterioriza mediante sua tensão galvânica uma força que, desfazendo as mais firmes ligações, reduz terra a metal: sim, ela transfigura-se por si mesma em planta,

¹⁶ Para compreender melhor este ponto, vamos introduzir a ideia da diferença entre o conhecimento intuitivo e o conhecimento abstrato. A intuição é aquilo onde a essência verdadeira das coisas se mostra, mesmo que de maneira condicionada, todo o conhecimento profundo das coisas está em sua apreensão intuitiva, ou seja, “todos os conceitos, tudo o que é pensado são apenas abstrações, portanto, representações parciais de intuições, originadas só por meio da eliminação de algo pelo pensamento” (Schopenhauer, W II, 2015, p. 454).

em animal, e desenvolve a partir do seu ventre pleno de mistério aquela vida diante de cuja perda, em vossa limitação, vos inquietais tão medrosamente (Schopenhauer, W II, 2015, p. 565-6).

Nascer e morrer existem apenas na aparência, a coisa em si que constitui o ser humano é indestrutível. Para Schopenhauer, o que a natureza tem para ensinar é que a morte e a vida não passam de um jogo de dados, que não possuem valor em si mesmas, são apenas utilizadas na constituição da própria natureza e que, portanto, a morte não aniquila a vida, não coloca a existência em risco, porque é incapaz de tocá-la. O sofrimento e medo proveniente disso poderia ser amenizado através de uma melhor inteligência a partir do conhecimento intuitivo da Vontade.

Quando o ser humano toma consciência do que é a vida fora desse temor da morte, percebe que nada deve temer, pois carrega em si mesmo a possibilidade de inumeráveis vidas e inumeráveis individualidades. Mesmo que o indivíduo não seja capaz de assegurar a sua própria existência infinita, consegue alcançar isso através da Vontade que nunca morre e transmigra entre todos os seres e corpos. Ademais, Schopenhauer não estipula nenhum valor em imortalizar a própria individualidade, pois a grande maioria dos homens são tão desprezíveis que nunca deveriam ter existido: “Mas se poderia dizer àquele que morre: ‘Tu cessas de ser alguma coisa que seria melhor jamais ter sido’” (Schopenhauer, W II, 2015, p. 598). Esse pensamento se concretiza na ideia de que a individualidade, carregada de egoísmo e Vontade de vida, não há de oferecer nada além de sofrimentos, dores e infelicidades. Schopenhauer entende, olhando a própria vida e condição humana, que “somos algo que não deveria ser: por isso cessamos de ser” (Schopenhauer, W II, 2015, p. 605). O conhecimento é entendido pelo filósofo apenas como a lanterna do indivíduo, que ilumina o caminho correto, mas que depois é apagada quando presta seu serviço.

Ademais, depois que o filósofo ressalta o conhecimento como uma via para o enfrentamento do medo da morte, alcança uma segunda alternativa: a sabedoria de vida, exposta nos *Aforismos*. Para tratar deste assunto, é preciso entender a diferença entre caráter inteligível – “é a vontade como coisa em si na medida em que aparece num determinado indivíduo e num determinado grau” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 335) – e caráter empírico – “é esta aparência tal qual ela se expõe temporalmente em modos de ação e já espacialmente na corporização” (*Ibid.*) que são expostas por Schopenhauer. Mais especificamente, o caráter inteligível é aquele que não pode ser mudado, é o que de fato constitui o indivíduo (Vontade); quanto ao caráter empírico, trata-se da exteriorização do caráter inteligível nas ações, cujo conjunto formam o próprio caráter empírico¹⁷.

¹⁷ Para compreender mais a fundo a noção de caráter em Schopenhauer, ler os parágrafos §§ 28, 32 e 55 de *O Mundo como Vontade e Representação*, tomo I.

Acrescido da ideia de caráter, o filósofo mostra um terceiro tipo, a saber, o caráter adquirido, obtido da relação com o mundo – é o que se elogia em uma pessoa por ter ou não caráter. Nesse momento, embora todos sejam iguais e participantes da mesma essência, não se conhecem ou se compreendem da mesma forma, isto é, no caráter inteligível e no caráter empírico ainda não há o autoconhecimento, proporcionado pelo caráter adquirido.

No caráter adquirido, o ser humano deve se conhecer o suficiente para saber o que ele quer e o que pode fazer, quais são os seus limites, para poder se sentir bem consigo mesmo onde estiver. Schopenhauer expressa que a falta dessa inteligência causa angústia no ser humano que fracassa em suas escolhas e atos, pois vai contra a sua própria natureza, assim como o faz temer situações que deveriam ser naturalizadas em sua existência: “temos primeiro de aprender pela experiência o que queremos e o que podemos fazer: pois até então não o sabemos, somos sem caráter, e muitas vezes, por meio de duros golpes exteriores, temos de retroceder em nosso caminho” (Schopenhauer, W I, 2015, p. 353).

Quando o indivíduo alcança essa compreensão, anda em completo acordo com o que ele é, não busca ser alguém que não é e alcança o maior contentamento consigo mesmo que poderia alcançar. Isso diminui suas frustrações e sofrimentos na vida, pois compreende também que certas coisas não dependem somente de seus atos e escolhas, mas do acaso, ou da “sorte”. Assim, o indivíduo assimila que determinada situação não poderia acontecer de forma diferente. Autoconhecimento é sinônimo de sabedoria, que o ajudará a guiar no caminho correto com respeito a sua própria individualidade:

Se tivermos conhecido distintamente de uma vez por todas tanto nossas boas qualidades e poderes quanto nossos defeitos e fraquezas, e os tenhamos fixado segundo nossos fins, renunciando contentes ao inalcançável, então nos livraremos da maneira mais segura possível, até onde nossa individualidade o permite, do mais amargo de todos os sofrimentos, estar descontente consigo mesmo, consequência inevitável da ignorância em relação à própria individualidade, ou da falsa opinião sobre si e presunção daí nascida (Schopenhauer, W I, 2015, p. 356).

Através do autoconhecimento, o ser humano é capaz de evitar passar por certas dores existenciais que desfavorecem quem ele é, desviando-se de alguns sofrimentos, mesmo que a vida *sem* sofrimentos seja impossível.

A sabedoria de vida em Schopenhauer é a “arte de conduzir a vida do modo mais agradável e feliz possível” (Schopenhauer, 2016, p. 1), é o entendimento que aquilo que acontece dentro do ser humano é o maior responsável por determinar a sua felicidade, apesar da interação com o mundo. A eudemonologia “seria, pois, a instrução para uma existência feliz” (*Ibid.*).

Schopenhauer divide a sabedoria de vida em três partes fundamentais, logo no primeiro capítulo dos *Aforismos para a sabedoria de vida*¹⁸, são eles: 1) o que alguém é; 2) o que alguém tem; e 3) o que alguém representa. A primeira trata da personalidade do indivíduo; a segunda diz respeito às posses em qualquer sentido; e a terceira fala sobre como alguém é na representação das outras pessoas, ou seja, as opiniões que os outros possuem sobre ele. Essas três determinações são o que diferencia o destino de cada ser humano e suas especificidades.

Um das principais máximas expostas nos *Aforismos* é a prudência, primeira máxima geral, no qual o filósofo afirma que aquele que é prudente sempre busca a ausência de dor em vez do prazer constante: “a verdade dessa máxima reside no fato de que todo prazer e toda felicidade são de natureza negativa. A dor, ao contrário, é de natureza positiva” (Schopenhauer, 2016, p. 140); isto é, todo prazer é apenas o cessar momentâneo da dor, portanto, de curta duração; mas a dor é constante, por isso buscar o mínimo de dor possível é um caminho mais prudente para se seguir e amenizar a infelicidade.

Assim, Schopenhauer compreende que a felicidade vem do entendimento não só de si mesmo, mas do mundo, ao perceber que ele é essencialmente constituído de sofrimentos e dores, e não há como querer viver em um mundo diferente deste. Mas existem sofrimentos que se podem evitar e existem sofrimentos que são inevitáveis, cabe ao ser humano, através do caráter adquirido, reconhecer quais são cada um deles e evitar aqueles que estão sob seu controle e escolhas, que agridem quem ele é ou que o prejudiquem menos. Pois para Schopenhauer, neste mundo enquanto Vontade e representação, é mais fácil ser muito infeliz do que ser muito feliz, assim, é melhor para a própria saúde – física e psíquica – compreender que neste mundo resta apenas buscar ser menos infeliz do que a Vontade quer e determina.

As máximas para a sabedoria de vida podem auxiliar os indivíduos no caminho em busca da única felicidade possível: a de procurar sempre menos dor em vez de mais prazer. Somente assim consegue, além de alcançar um quietivo com o mundo, compreender que certas coisas fazem parte de

¹⁸ Em 1850, anos após *O Mundo* (1818), foi lançada uma edição expandida que reúne diálogos, ensaios e máximas, conhecido com a publicação de *Parerga e paralipomena*, obra em que Schopenhauer havia se dedicado nos últimos seis anos: “Trata-se de ‘escritos secundários’ e ‘coisas pendentes’, ou, como ele mesmo diz, ‘Tratava-se de ‘escritos secundários’ (*Nebenwerke*) e de ‘detalhes pendentes’ (*Zurückgebliebene*)’, como ele mesmo disse ou, conforme também os definiu, de “pensamentos dispersos, ainda que sistematicamente ordenados, versando sobre temas variados”, entre os quais se encontravam os *Aphorismen zur Lebensweisheit* [Aforismos sobre a sabedoria da vida], que se haviam de tornar tão famosos alguns anos depois” (Safranski, 2011. p. 609). Nos *Aforismos*, Schopenhauer pauta a necessidade de um “desvio da metafísica” para conseguir explicar o que seria a sabedoria de vida, como “a arte de conduzir a vida de modo mais agradável e feliz possível” (Schopenhauer, 2016. p. 1), assim, “tive que desviar-me totalmente do ponto de vista ético-metafísico, ao qual conduz a minha filosofia propriamente dita. Por conseguinte, toda a discussão aqui conduzida baseia-se, de certo modo, numa acomodação, já que permanece presa ao ponto de vista comum, empírico, cujo erro conserva” (*Ibidem*). Schopenhauer redige uma espécie de “manual” com 53 máximas de sabedoria que auxiliariam o ser humano a uma vida menos infeliz.

sua própria natureza, que independe dele, mas que também pode mudar o curso da representação de sua Vontade através das próprias escolhas, baseadas na inteligência e na coragem de fazer diferente.

Superar completamente o medo da morte é impossível, pois o instinto de sobrevivência sempre fará parte da vida do ser humano, já que ele mesmo é constituído de afirmação da Vontade e, portanto, de vida. No entanto, é possível amenizar este medo, tornando a visão sobre a morte mais natural, através do “efeito tranquilizador” (Schopenhauer, 2016, p. 240-1) do entendimento de que tudo o que acontece na existência é necessário e faz parte do ciclo vital. Acidentes e fatalidades acontecem cotidianamente na vida e os aforismos de sabedoria ensinam que não se deve lamentar pelas “incessantes misérias da vida humana” (Schopenhauer, 2016, p. 241). Quando o mundo é compreendido em sua essência mesma, aliado às experiências da vida resultantes do tempo e da maturidade, chega-se à conclusão que não se pode esperar muito do mundo, assim, o ser humano consegue suportar mais a vida, os males e a ideia de morrer.

O ser humano, através da sabedoria de vida, consegue entender que sua morte e o nascimento de outra vida é uma única e mesma coisa. Com esse conhecimento da indestrutibilidade do nosso ser em si e o entendimento da realidade do mundo, o ser humano consegue tornar sua existência mais suportável, no entanto, sempre com a convicção de que nunca irá alcançar uma felicidade plena, mas apenas uma vida menos infeliz. O medo da morte pode ser amenizado com esse conhecimento e a experiência de sabedoria que a vida proporciona a quem busca amenizar seus próprios medos e compreender a sua essência e caráter. Portanto, Schopenhauer mostra que é possível reduzir as expectativas com relação ao mundo e à vida, ao compreender que ele é em si mesmo aquilo que o humano mais teme: dor, sofrimento e morte.

Conclusão

Schopenhauer considera a essência do mundo e dos seres fundamentalmente Vontade, que traz como consequência imediata a visão do mundo através do véu de *Maya*, uma imagem turva da verdade que faz o indivíduo acreditar em possibilidades inatingíveis, como uma existência sem dores, sem sofrimentos ou eterna. A alternativa dada pelo filósofo, de imediato, em *O Mundo* abre caminho para possibilidade de uma vida menos cruel e infeliz por meio da negação da Vontade de vida, que, no entanto, é possível para uma pequena parcela da humanidade. Contudo, nos *Aforismos para a sabedoria de vida*, Schopenhauer mostra que há outras maneiras de lidar com as próprias dores, medos e sofrimentos, mediante as experiências pessoais e a observação dos ensinamentos que foram

deixados por aqueles que conseguiram viver uma vida menos sofrível. Essa alternativa, ademais, é mais factível para nós, “meros mortais”.

A existência humana é cercada de medos profundos que são enraizados em seu próprio ser, o medo de sofrer, sentir dor, do amanhã, medo do passado que o assombra, do futuro que o preocupa, medo de viver, de envelhecer, também há o medo de morrer e não viver o suficiente. Todos esses medos, para Schopenhauer, são mostrados nos *Aforismos* como fundamento de uma vida infeliz e insuportável, que, se forem compreendidos em sua essência íntima, permitirão experiências que irão conduzir o ser humano a uma vida menos infeliz possível. O filósofo mostra que através do conhecimento intuitivo e das experiências que trazem sabedoria de vida é possível viver de maneira tal que a pessoa carregue o menor fardo de sofrimentos e dores que a Vontade impõe, mas sempre lembrando que o “melhor dos mundos possíveis” está longe de ser este.

Para o filósofo, compreender este mundo, vê-lo para além do véu de *Maya* e aceitar suas terríveis verdades, não é um caminho fácil de seguir e reafirma isso diversas vezes em *O Mundo* ao citar os exemplos dos gênios e dos santos. O caminho do autoconhecimento e da indestrutibilidade do nosso ser em si segue em direção oposta à Vontade de vida, portanto, é desagradável. O processo do conhecimento intuitivo do mundo é doloroso e abominoso porque segue em controvérsia à própria natureza do ser humano, pautada em desejos e na busca pela felicidade plena – impossível, aliás – além disso, não é fácil olhar de perto o mundo e perceber quanta miséria há nele.

Para Schopenhauer, todos os esforços humanos em fugir das desgraças da vida sempre serão em vão no final, pois boa parte da existência está nas mãos da sorte e do destino, que já foram determinados pela Vontade antes mesmo dele nascer. A regra suprema para alcançar uma sabedoria de vida capaz de proporcionar ao ser humano uma existência com menos aflições e dores, é a prudência de entender que o caminho de menos dores é mais plausível que a busca pela felicidade.

A partir disso, portanto, é possível afirmar que a filosofia e o pensamento de Schopenhauer fundamentam a possibilidade de amenizar, mitigar o medo da morte, mas que, no entanto, ela não acontecerá necessariamente. Isso ocorre, segundo o filósofo, porque nem todos estão dispostos a buscar o conhecimento do mundo, a se reconhecer no outro como irmãos de sofrimento; assim como nem todos buscam a sabedoria de vida, pois as experiências de aprendizagem dependem de uma maturidade que vai além da idade vivida, mas necessita do entendimento da vida e do mundo. É mais simples ao indivíduo dotado de volúpia seguir conforme a sua natureza, no caminho dos desejos, do amor sexual, do egoísmo inato, pois isso vivifica a Vontade e dá a ele a falsa sensação de bem-estar.

Seguir o caminho de mitigar e entender o fundamento do medo da morte é seguir um caminho do autoconhecimento, doloroso e difícil, que requer coragem, prudência, determinação, altruísmo,

compaixão, conhecimento contínuo e a convicção de que estará sempre em um processo de aprendizado, nunca finalizado, pois a Vontade estará a todo o momento pronta para se objetivar e se manifestar nos seres humanos. A pessoa que possui prudência, sempre buscará menos dor em vez da felicidade, sempre buscará entender o fundamento do medo de morrer, em vez de se afundar em profundo temor: “se pelo menos fôssemos capazes de compreender o passe de mágica pelo qual isso acontece, então tudo estaria claro” (Schopenhauer, 2016, p. 276).

Referências bibliográficas

- BRUM, José Thomaz. **O pessimismo e suas vontades**: Schopenhauer e Nietzsche. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DEBONA, Vilmar. **A outra face do pessimismo**: caráter, ação e sabedoria de vida em Schopenhauer. São Paulo: Edições Loyola, 2020.
- DEBONA, Vilmar. Schopenhauer. São Paulo: Ideias&Letras, 2019.
- SAFRANSKI, Rüdiger. **Schopenhauer e os anos selvagens da filosofia**. Trad William Lagos. São Paulo: Geração, 2011.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a sabedoria de vida**. Trad Jair Barboza. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.
- _____. **O Mundo como Vontade e Representação - Tomo I**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2015.
- _____. **O Mundo como Vontade e Representação - Tomo II**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2015.
- _____. **Sobre o Fundamento da moral**. Trad Maria Lucia Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2001.